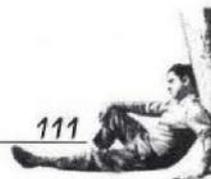




PARA QUE SERVE UM

# POEMA?

Maria Lúcia Medeiros  
Escritora





**M**il novecentos e sessenta e dois... corria o ano. Minha turma na Faculdade de Filosofia lá da Generalíssimo incluía um pequeno grande grupo de jovens estudantes, uns acabados de entrar, outros no meio do curso, outros quase a “se formar”, a viver um tempo em que quase nada era permitido além do compromisso de lutar pelo seu país.

Por que, ao pensar nesse tempo, penso nos grandes planos de Antonioni?

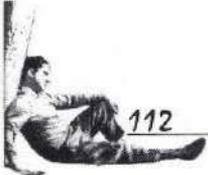
Íamos ao cinema, namorávamos, odiávamos os americanos, nos revoltávamos com o leite que eles mandavam para as crianças do Nordeste, através do vergonhoso programa Aliança para o Progresso. Vivíamos.

Como eram as tardes de Belém? Ah! mais belas impossível, caindo lá pelos lados da Sorveteria Santa Marta, rendilhando de sombras os ainda paralelepípedos da rua. E vejo alguns rostos queridos parados à calçada ou em volta do chafariz: Valter Bandeira, Roberto Cortez, Isidoro Alves, Mariano Klautau, Alberto Uchôa, Roberta Braga, Judith Bastos, Ana Maria Verbicaro, Graça Landeira, Marlene Viana, Vera Bastos, Celina, Raimunda Moy, Angélica, Heraldo Maués, Maria Alice Cordeiro, Ana Francisca, Pedro Pinho e tantos outros “do nosso tempo”.

Eu fazia parte do grupo de calouros, mas todos se conheciam. Época de muito charme ou no cigarro que quase todos fumavam ou nos *blasers* usados por nossos colegas e professores.

Roberta Braga dirigia uma Rural Willys, Mariano Klautau calçava elegantes sapatos esportivos tchecos, Leda era nossa colega católica mais politizada e Benedito Nunes, Ruy Barata, Roberto Santos, José Maria Alves Cunha, Orlando Costa e Carlos Coimbra, nossos intelectuais de ponta, professores, jovens professores a quem admirávamos, de quem bebíamos ensinamentos nas disciplinas Introdução à Filosofia, Introdução à Sociologia, Introdução à Educação, Introdução à Psicologia, Literatura Brasileira. Os de Letras estudavam grego e latim, mas todos sabiam do Brasil e contribuíam de um jeito ou de outro para que as mudanças sociais acontecessem.

Foi nesse ano, 1962, que morreu, em acidente aéreo, o poeta Mário Faustino. A notícia alcançou-nos na esquina e veio como um golpe seco. Eu não o conhecia e o que ouvíamos a respeito dele era o melhor: um grande poeta em ascensão, uma promessa nas letras brasileiras, bom crítico, bom jornalista, bom tradutor, amigo querido.



Em meio à trágica notícia alguns versos premonitórios:

*Sinto que o mês presente me assassina*

*Não morri de mala sorte  
Morri de amor pela morte*

Envolta nesse tom guardei para mim esses versos. Muito tempo passou. O ano de 1964 trouxe meu primeiro filho e um golpe militar. Prisões, invasões, torturas, fugas, exílios, a juventude dispersa, o fim daquelas belas tardes da Generalíssimo.

Lá se vão quase 40 anos.

Agora é a revista *Asas da Palavra*, da Unama, que dedica um número em homenagem ao poeta Mário Faustino.

Convidada pela amiga Rosa Assis a escrever um texto sobre Mário me vêm à memória três poemas que seriam imprescindíveis em uma seleção com vistas a uma antologia amorosa. Falo de *Balatetta*, *Quando chegares ao aeroporto* e *Carpe diem* que, na minha simples opinião de leitora de poesia, compõem a mais tocante expressão da poesia amorosa de Mário Faustino.

Em todos eles é o poeta a tentar inscrever o tempo amoroso no tempo da memória em movimentos que vão da euforia pelo reconhecimento da plenitude amorosa até o desalento, o esvaziamento, a morte do amor.

Decido-me entre eles, no entanto, por *Carpe diem* que tem me desafiado pela vida pela riqueza das inúmeras possibilidades de vozes dentro do poema a cada leitura feita.

### CARPE DIEM

Que faço deste dia, que me adora?  
Pegá-lo pela cauda, antes da hora  
Vermelha de furtar-se ao meu festim?  
Ou colocá-lo em música, em palavra,  
Ou gravá-lo na pedra, que o sol lava?  
Força é guardá-lo em mim, que um dia assim  
Tremenda noite deixa se ela ao leito  
Da noite precedente o leva, feito  
Escravo dessa fêmea a quem fugira  
Por mim, por minha voz e minha lira.

(Mas já de sombras vejo que se cobre  
Tão surdo ao sonho de ficar – tão nobre.  
Já nele a luz da lua – a morte – mora,  
De traição foi feito: vai-se embora.)



O que me seduz neste poema é a luta pela permanência das coisas, o desespero diante da efemeridade, da morte da beleza. O que, de impacto, ainda me comove neste poema é o apelo dramático para que a expressão criadora possa salvar o instante.

A plenitude do dia, o roubo narcísico presente no primeiro verso que inicia o poema já traz o conflito que será desdobrado no correr dos versos seguintes.

“Que faço deste dia, que me adora?” põe a questão dramática que se desenvolve em meio a dúvidas (Faço isto ou aquilo?)

O ser amoroso na poesia de MF, diante do passar das horas, diante do tempo que levará embora o momento de plenitude da paixão, transfigura amor e amante em *luz*, em *sol*, em *dia* e, em oposição, faz da *noite* a inimiga, a que pode roubar-lhe o amante encerrando-o na escuridão das trevas.

Neste poema, os primeiros cinco versos deflagram o drama amoroso e, em seguida, apresentam as alternativas para a possível solução buscada pelo poeta. Não entanto, antes de escolher imortalizar, perenizar o instante, o *dia*, está expresso o desejo de posse, de subjugar-lo pela força, à maneira animal (“Pegá-lo pela cauda, antes da hora / vermelha de furtar-se ao meu festim?”) mas em seguida escolhe (“Ou colocá-lo em música, em palavra, ou gravá-lo na pedra, que o sol lavra?”) já se entendendo aí a salvação pela arte, a expressão criadora abrigando o instante amoroso.

O verso *força é guardá-lo em mim* mostra a impotência do poeta diante da grandeza da paixão amorosa. Em seguida, abre o cenário do drama: leito, fêmea, escravo, fuga, traição, todos os elementos da intriga amorosa, postos agora de maneira mais passional, mais trágica. A utilização do pronome pessoal feminino, *ela*, ao mesmo tempo que parece apenas posto para nomear corretamente *a noite*, *a fêmea*, configura também o amante masculino *o sol*, *o dia* em oposição à natureza feminina da *lua*, cuja luz prenuncia a morada da morte.

Ele, *o dia*, é o amante roubado pela noite, engolido pela *noite*, esvaziado de sua luz (de *vida*) em detrimento da luz da *lua*, onde mora a morte.

Ele, *o dia* (“que me adora”) “vai-se embora”, “surdo ao sonho (tão nobre) de ficar” roubado pela *noite*, “vejo-o já coberto de sombras”, “de traição foi feito”.

O esforço do poeta para segurar o instante lutando pela *permanência*, tentando salvá-lo, imobilizá-lo, perenizá-lo pela *arte*, também nasce do desejo de segurá-lo pela cauda, domá-lo, submetê-lo à força física, animal, instintiva.

Ao mesmo tempo que o poema nos provoca a vivenciar toda a paixão amorosa levando-nos da euforia ao desalento, comuns ao sentimento e, de certa forma, comuns à poesia amorosa de MF, mais uma vez é o elogio do amor, a nota mais funda, mais marcante da obra de Mário.

Em *Carpem diem* o ser amoroso é o mesmo “ser aberto, humano” a buscar e cantar o mesmo amor “acima de qualquer fosso de sexo / acima de qualquer muro de credo”.

Este ser amoroso, aberto, luminoso, em *Carpe diem* é o próprio *dia*. É o amante, é o *amor tragado*, engolido pela *noite* transfigurada em traição e traidora, ela, a noite que rouba o dia e deixa o poeta (amante) em desalento. Duas estrofes, dois momentos, dois tons do sentimento amoroso *a euforia e o desalento* este último tom como um lamento, um murmúrio, entre parênteses está o gemido, sufocado.

Lembro Emily Dickinson: Prefiro recordar um pôr-de-sol  
a possuir um sol nascente  
porque na partida existe um drama  
que a permanência nunca pode dar.

E apercebo-me da poesia animando a natureza para trazer mais perto, traduzir melhor o instante amoroso, compará-lo, amplificá-lo, confundi-lo com a força da natureza, tudo tentativa de segurar, de reter o tempo que passa, transforma e passa. Inexorável. Mário Faustino, a poesia, o *tempo amoroso*... Eu comecei lembrando o Tempo da Faculdade e o fim daquelas belas tardes na Generalíssimo.

Enfim, para que serve um poema?

